

## ECONOMIA BRASILEIRA

# O ANO DE 2018 COMEÇA MELHOR DO QUE O DE 2017

## FELIPPE SERIGATI

Doutor em Economia pela Escola de Economia de São Paulo (FGV-EESP), professor e pesquisador do Centro de Agronegócio da FGV (GV Agro) – felippe.serigati@fgv.br

## ROBERTA POSSAMAI

Mestre em Economia Agrícola pela FGV-EESP e pesquisadora do GV Agro – roberta.possamai@gvmail.br

## KELLEN SEVERO

Jornalista pós-graduada em Economia pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas na Universidade de São Paulo (Fipe/USP), apresentadora e editora-chefe do jornalístico Mercado&Cia, no Canal Rural – severokellen@gmail.com

**M**ESMO APÓS um ano repleto de turbulências, notadamente do lado político, 2017 entrega a economia brasileira para o ano de 2018 em uma situação bem melhor do que aquela que recebeu de 2016. Para explicar a recuperação econômica em 2017, merecem destaque a forte expansão do agronegócio, a contínua e intensa redução da taxa de juros e o avanço da agenda de reformas. Embora essa conjuntura tenha permitido a evolução favorável de diversas variáveis, outras ainda terão que melhorar em 2018, como o mercado de trabalho e as finanças públicas. Apesar dos avanços observados,

o desafio continua grande. Porém, as perspectivas hoje são melhores do que há um ano.

## O QUE MELHOROU AO LONGO DE 2017?

Após dois anos de forte contração, a economia brasileira voltou a crescer em 2017. Embora os números finais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) só serão conhecidos em março de 2018, as projeções da pesquisa Focus do Banco Central do Brasil (BACEN) sugerem uma expansão



em torno de 0,7%. Três fatores são fundamentais para explicar a recuperação ao longo do ano de 2017:

- A forte safra 2016/17 produzida pelo agronegócio nacional, que permitiu uma intensa queda da inflação de alimentos e bebidas, que, por sua vez, combinada com a política monetária mais restritiva executada desde 2015, derrubou a inflação brasileira.
- A contínua e intensa redução da taxa de juros: a desinflação mencionada anteriormente permitiu que o BACEN reduzisse fortemente a taxa de juros, que era de 14,25% a.a., em setembro de 2016, e, no final de novembro de 2017, estava em 7,50% a.a. – uma queda de quase sete pontos percentuais; algo inédito na economia brasileira!
- O esforço do governo federal e, principalmente, da sua equipe econômica para executar uma agenda de reformas econômicas essencial: o avanço desta agenda permitiu a recuperação da confiança dos agentes econômicos, o que levou, entre o final de 2016 e o segundo semestre de

2017, à redução do risco-país e à reversão da forte contração da produção do setor industrial e do volume de vendas do comércio varejista.

## O QUE PRECISA MELHORAR EM 2018?

Apesar dos números anteriores favoráveis, infelizmente, há variáveis que ainda não conseguiram apresentar melhoras robustas. Neste conjunto, dois grandes grupos de variáveis merecem destaque:

- Mercado de trabalho: foi justamente ao longo do primeiro trimestre de 2017 que a taxa de desocupação (a popular “taxa de desemprego”) na economia brasileira atingiu o seu pico (13,7%), indicando que mais de 14 milhões de pessoas estavam desocupadas. Ao longo do ano, o mercado de trabalho exibiu uma recuperação lenta e concentrada nas ocupações informais. A perspectiva é de que, ao longo de 2018, o mercado de trabalho permaneça na sua trajetória de recuperação, uma vez que foi observado um aumento da abertura de vagas com carteira assinada no final do terceiro trimestre.

## COMPARAÇÃO DE DIVERSOS INDICADORES ECONÔMICOS ENTRE 2016 E 2017\*

INDICADOR	Valores em	
	2016	2017*
<b>INDICADORES QUE SE RECUPERARAM EM 2017</b>		
PIB total	-3,60%	0,70%
PIB da agropecuária	-6,60%	11,50%
PIB da indústria	-3,80%	-0,20%
PIB dos serviços	-2,70%	0%
Inflação (IBGE)	6,30%	2,70%
Taxa Selic	13,75%	7,50%
Produção industrial	-6,40%	0,40%
Comércio varejista	-6,20%	0,60%
Risco-país - EMBI+ (bps)	328	246
<b>INDICADORES QUE AINDA NÃO SE RECUPERARAM EM 2017</b>		
Setor de serviços	-5,0%	-4,3%
Taxa de desocupação	12,0%	12,4%
Resultado primário (% do PIB)	-2,5%	-2,4%
Resultado nominal (% do PIB)	-9,0%	-8,8%
Dívida bruta (% do PIB)	69,9%	76,6%

\* Média móvel de doze meses até a última observação disponível ou projeções da pesquisa Focus do BACEN  
Fonte: IBGE; BACEN; J.P. Morgan

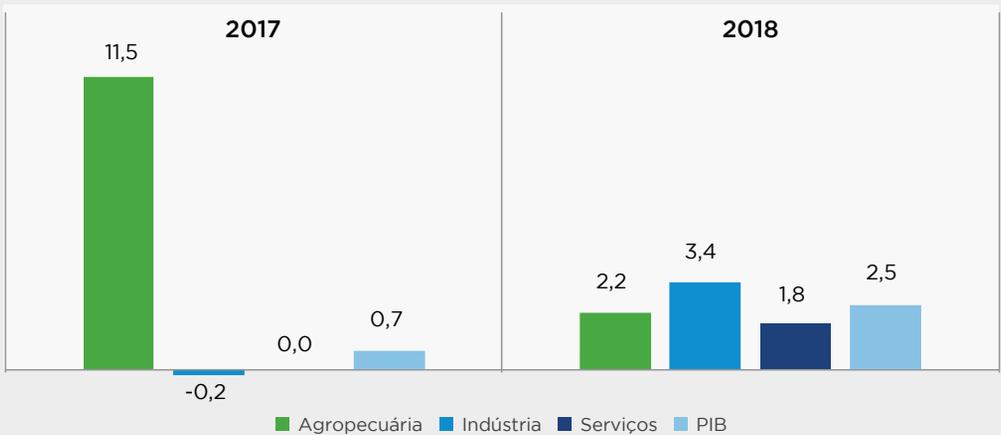
- Contas públicas: é justamente no lado fiscal que está, atualmente, a situação mais delicada da economia brasileira e, portanto, a sua maior fonte de risco e incerteza. As contas públicas continuam deterioradas, com gastos do Governo superiores às suas receitas – o déficit público ficou praticamente inalterado, em torno de 9% do Produto Interno Bruto (PIB), entre 2016 e

2017. Infelizmente, diferentemente da recuperação no mercado de trabalho, que parece já estar encaminhada, o equilíbrio das contas públicas demandará a continuidade do avanço da agenda de reformas. Esta dependerá do perfil do grupo político que assumir o controle do Palácio do Planalto a partir de 2019. Infelizmente, a incerteza nesse ponto ainda é muito grande.

### AGRONEGÓCIO: O PRINCIPAL (TALVEZ ÚNICO) SETOR QUE FEZ A ECONOMIA CRESCER EM 2017

Certamente, o ano de 2017 ficará registrado como um dos melhores para o agronegócio brasileiro. Devido à ótima safra 2016/17, as projeções da pesquisa Focus do BACEN sugerem que o PIB das atividades agropecuárias cresceu 11,5% neste ano – é a maior taxa de crescimento registrada nas séries históricas do IBGE. De acordo com as projeções da pesquisa Focus, em 2017 o setor industrial deve ter encolhido 0,2% e o setor de serviços, estagnado (0,0%). Desta forma, como as atividades agropecuárias devem ter sido o único setor com crescimento ao longo do ano, a projeção de expansão de 0,7% para a economia brasileira terá sido resultado, em termos agregados, exclusivamente do forte crescimento do agronegócio nacional.

PROJEÇÕES PARA 2017 E 2018 QUANTO AO PIB DO BRASIL E AO DOS PRINCIPAIS SETORES ECONÔMICOS



Fonte: Pesquisa Focus/BACEN – projeção de 17 de novembro de 2017

Se, por um lado, o ano de 2018 não deve reservar um desempenho tão forte para as atividades agropecuárias; por outro lado, os demais setores da economia brasileira, após três anos, finalmente, devem voltar a crescer. Em outras palavras, com a contribuição dos seus três grandes setores (não apenas do agronegócio), em 2018 há a projeção de que a economia brasileira volte a crescer de forma minimamente robusta (2,5%). Embora esta seja uma perspectiva muito boa, é necessário estarmos atentos aos desdobramentos do quadro eleitoral de 2018, pois a sinalização de que a agenda de reformas possa ter sido perdida levará à reversão de parte dos ganhos obtidos até o momento. ■